

Debate *fishbowl*: uma atividade para desenvolvimento de habilidades argumentativas



Amanda Magalhães

Professora de Biologia da Escola Móbil

Autor para correspondência - amandammaga@gmail.com

Palavras-chave: argumentação, debate, falácias lógicas, questão sociocientífica

Este artigo apresenta o relato de uma atividade de debate no formato *fishbowl* adaptado. O debate avalia uma sequência orientada por Questão Sociocientífica (QSC), permitindo que os alunos mobilizem argumentos na resolução de um problema complexo e real. Aliado ao desenvolvimento do tema da QSC, a sequência também trabalha o conceito de falácia lógica, o que é incorporado no debate realizado pelos estudantes.

Contexto e objetivos

O presente relato tem como objetivo descrever uma atividade de debate no formato *fishbowl*, que funcionou como avaliação de uma sequência didática orientada por Questão Sociocientífica (QSC). A sequência didática utilizada era sobre habilidade esportiva, implementada em uma disciplina eletiva voltada para desenvolvimento de habilidade argumentativa. O trabalho foi realizado com uma turma de 37 alunos de 1º ano do Ensino Médio em uma escola particular, localizada na zona sul da cidade de São Paulo (SP).

Questões Sociocientíficas têm sido adotadas, e recomendadas, no ensino de ciências para abordar relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente (CTSA) e para desenvolver a argumentação em sala de aula. As QSC são compreendidas como problemas ou situações controversas e complexas que, ao serem utilizadas na educação científica, permitem uma abordagem contextualizada de conteúdos interdisciplinares, sendo os conhecimentos científicos essenciais para a compreensão e resolução do problema (Conrado; Nunes-Neto, 2018). No decorrer desse processo, os estudantes desenvolvem habilidades científicas como argumentação, interpretação de múltiplos textos e pensamento crítico. Para as aulas da sequência didática apresentada neste artigo, a QSC orientadora foi: "Atletas trans e intersexo devem competir na categoria esportiva feminina?", sendo mobilizada, principalmente, para o desen-

volvimento de habilidade argumentativa, em que os estudantes trabalharam com o reconhecimento e crítica de argumentos estruturados a partir de falácias lógicas.

As atividades propostas ao longo da sequência didática visavam promover a compreensão de que a habilidade esportiva tem caráter multifatorial e que categorias esportivas são construções socioculturais baseadas em médias de desempenho. Orientando-se por essa abordagem, ao final da sequência didática esperava-se que os estudantes fossem capazes de:

1. Identificar evidências científicas sobre desempenho esportivo;
2. Avaliar os limites éticos para potencialização de habilidades esportivas;
3. Construir argumentos que sustentem tomadas de decisão sobre construções de categorias esportivas;
4. Criticar argumentos a partir da identificação de falácias lógicas.

Esses quatro objetivos de aprendizagem foram propostos no segundo semestre de um curso voltado para argumentação e comunicação oral nas ciências, quando os alunos já haviam passado por sequências didáticas relativas às bases argumentativas. Além disso, em paralelo a este curso, na disciplina regular de Biologia, os estudantes já haviam trabalhado conceitos relativos à genética clássica, à determinação cromossômica dos sexos em humanos e à diferença entre sexo biológico e identidade de gênero, para aprofundamento desse tema.

A descrição resumida das atividades propostas na sequência didática está apresentada no

quadro abaixo. Este artigo descreve as últimas 5 aulas dessa sequência.

| Aula | Atividades |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | Introdução da problemática e levantamento dos posicionamentos e conhecimentos prévios por meio de discussões em pequenos grupos e com toda a classe. As discussões deveriam partir do histórico da carteirinha rosa nas Olimpíadas, do caso de Érika Coimbra (jogadora de vôlei do Brasil) e de Annet Negesa (atleta da Uganda); |
| 2 | Avaliação da influência genética e ambiental na habilidade esportiva a partir de um trabalho em grupo fundamentado em PBL (<i>Problem-Based Learning</i> , traduzido como Aprendizagem Baseada em Problemas) sobre o desempenho de atletas jamaicanos no atletismo; |
| 3 | Discussão sobre <i>doping</i> a partir da análise de múltiplos casos em dinâmica de painel integrado, ampliando repertório sobre alterações fisiológicas e seus efeitos na atividade esportiva; |
| 4 | Discussão sobre <i>doping</i> genético a partir da análise de múltiplos casos em dinâmica de painel integrado, ampliando repertório sobre alterações fisiológicas e seus efeitos na atividade esportiva; |
| 5 | Trabalho com falácias lógicas; |
| 6 | Preparação para o debate; |
| 7 | Preparação para o debate; |
| 8 | Debate dos três primeiros grupos; |
| 9 | Debate dos três últimos grupos. |

Para avaliar essa sequência, foi proposto um debate no formato *fishbowl*. Neste formato de debate, os estudantes são divididos em dois grupos, os debatedores e os espectadores. No momento do debate, uma parte das cadeiras é organizada em um círculo no centro da sala, onde se sentam os debatedores, e o restante das cadeiras são organizadas em um círculo externo, onde se sentam os espectadores, permitindo a observação da dinâmica do debate por aqueles que não estão efetivamente discutindo o tema. Este formato de debate é interessante de ser utilizado em contextos de discussões pautadas em temáticas controversas e com múltiplos pontos de vista.

Para a atividade descrita, o grupo de espectadores possuía uma tarefa a ser realizada durante a observação do debate, o que aumentou a atenção dos estudantes à dinâmica. Como a sequência didática trabalhava com

falácias lógicas, os debatedores deveriam, intencionalmente, incluir uma falácia lógica em sua base argumentativa e os espectadores deveriam identificar o máximo possível de falácias lógicas ao longo do debate. A preparação para este debate ocorreu ao longo de 3 aulas de 60 minutos e os debates ocorreram em duas aulas de 60 minutos.

1ª Etapa

Apresentação das falácias lógicas

No início da quinta aula da sequência didática, a professora projetou dados da competição das baterias de 100 metros do mundial de atletismo mais recente, apresentados na tabela a seguir. Com base nesses dados, a professora argumentou que seria incoerente manter categorias esportivas divididas em masculino e feminino, pois isso impedia que

a melhor atleta da categoria feminina competisse com os atletas da categoria masculina, quando ela tinha um desempenho melhor que o pior atleta do masculino. A partir des-

se argumento, os estudantes se mobilizaram para contrapor a fala da professora, indicando que ela estava considerando dados isolados para sustentar o seu posicionamento.

| | Categoria masculina | Categoria feminina |
|----------------------|---------------------|--------------------|
| Menor tempo | 9,79 s | 10,67 s |
| Maior tempo | 10,88 s | 13,21 s |
| Tempo médio de prova | 10,18 s | 11,28 s |

Essa discussão inicial serviu como mobilizadora do tema falácias lógicas. Os estudantes receberam o material abaixo e, individual-

mente, estudaram a definição e os tipos de falácias lógicas apresentados.

Falácias lógicas

(Esta atividade foi inspirada nas descrições de falácias lógicas disponíveis no *site* <https://yourlogicalfallacyis.com/br/>.)

Argumentar consiste em explicar um fenômeno de acordo com determinadas teses, apresentando evidências que apoiam seu ponto de vista. Argumentar para defender um ponto de vista depende tanto da estrutura do argumento quanto das habilidades argumentativas e de persuasão.

Ao participar de argumentações, é importante considerar que há outras pessoas que não compartilham, necessariamente, da mesma posição que você. Por isso, uma boa habilidade persuasiva permite acessar interlocutores com posicionamentos diversificados e os torna mais predispostos a ouvir e entender a sua argumentação.

A estrutura dos argumentos e as suas apresentações também são essenciais em argumentações. Um bom argumento se baseia em dados, que são articulados de forma a justificar uma conclusão.

Quanto mais dados você possui, mais forte fica seu argumento. Antecipar críticas ao seu argumento e ter dados para contrapor argumentos contrários deixam seu ponto de vista ainda mais forte. Um argumento pode parecer muito forte, mas se estiver estruturado com base em falácia lógica, ele não é forte de verdade.

Uma falácia lógica é uma falha de raciocínio, uma afirmação que pode parecer, à primeira vista, verdadeira, mas, depois de aplicar as regras da lógica, não é. Um bom argumento não tem falácias lógicas, enquanto argumentos fracos tendem a usá-las para que pareçam mais fortes do que realmente são. É como se elas fossem truques. Usar falácias lógicas pode ser uma estratégia argumentativa para tentar convencer pessoas de coisas que não são verdade. Consequentemente, uma boa estratégia argumentativa é reconhecer e identificar falácias lógicas, evidenciando argumentos fracos da posição contrária.

Não existe um tipo único de falácia lógica. Na verdade, elas são bem diversas. A seguir, você vai conhecer alguns tipos de falácias que podem aparecer em argumentações. Durante sua leitura, registre outros exemplos de que venha a se lembrar:

1. A FALÁCIA DA LADEIRA ESCORREGADIA: afirmar que, se deixarmos que A aconteça, então, no final, Z vai acabar acontecendo também e, portanto, A não pode acontecer. O problema desse argumento é que se acaba desviando a atenção do assunto em si, e

focando-se em hipóteses extremas e infundadas. O mérito da discussão original é, então, contaminado por conjecturas não comprovadas.

Exemplo: José acha que, caso se permita que pessoas do mesmo sexo se casem, a próxima coisa a ocorrer será permitir que as pessoas se casem com seus pais e até com seus cachorros.

2. A FALÁCIA DA FALSA CAUSALIDADE: presumir que a relação real ou percebida entre duas coisas signifique que uma é a causa da outra. Muita gente confunde correlação (fatos que ocorrem conjuntamente ou em sequência) com causa (fato que ocorre por causa de outro). Algumas vezes, a correlação coincide ou até pode ser atribuída a uma causa comum.

Exemplo: Fulano, apontando para um gráfico elaborado, mostra como a temperatura tem aumentado ao longo dos últimos séculos. Ao mesmo tempo, ele aponta também que o número de piratas tem diminuído. A partir daí, ele conclui que os piratas é que mantinham a temperatura mundial baixa.

3. A FALÁCIA *AD HOMINEM*: atacar o caráter ou os traços de personalidade do oponente para tentar destruir o argumento dele. Um ataque “*ad hominem*” pode ser um ataque aberto a alguém ou apenas a ação de colocar em dúvida o caráter dessa pessoa. O resultado pode ser minar a reputação do outro sem ter de se envolver numa argumentação real acerca de suas ideias.

Exemplo: depois de uma pessoa ter apresentado de modo convincente suas ideias por um melhor sistema de cobrança de impostos, Miguel, seu oponente, pergunta ao público se deveríamos acreditar em uma pessoa que nunca se casou e que já foi detida uma vez pela polícia. Ou, ainda, acusado no noticiário das 18h de corrupção e de aceitar suborno, o senador falou que todos deveriam tomar muito cuidado com o que ouvimos nas mídias, porque todos sabem o quão não confiável a mídia pode ser.

4. A FALÁCIA DO TUDO OU NADA: você apresenta dois estados alternativos como as únicas possibilidades para alguma coisa, quando, de fato, existem outras possibilidades. Também conhecida como “o falso dilema”, essa tática traiçoeira parece apresentar um argumento lógico, quando, analisando-se bem a situação, fica claro que há outras possibilidades além das apresentadas.

Exemplo: um ditador apresenta seus planos aos cidadãos, segundo os quais haverá perdas de direitos por parte deles. O ditador acrescenta que aqueles que se opuserem a ele estarão do lado do inimigo.

5. A FALÁCIA DO APELO À POPULARIDADE: apelar para a popularidade ou para o fato de que muitas pessoas fazem alguma coisa como uma tentativa de validação. A falha nesse argumento é que a popularidade de uma ideia não tem absolutamente nenhuma influência sobre sua veracidade. Se assim fosse, então a Terra seria plana durante a maior parte da história, de acordo com a crença popular.

Exemplo: na tentativa de justificar a existência de duendes, Henrique disse a Saulo que se tantas pessoas acreditavam na existência deles, não é por nenhuma outra explicação a não ser a de que eles existem de fato.

6. A FALÁCIA DO APELO À AUTORIDADE: usar a opinião ou o posicionamento de uma figura ou instituição de autoridade em vez de um argumento real. É importante notar que essa falácia não deve ser utilizada para descartar afirmações de especialistas ou consenso científico. Apelos à autoridade não são argumentos válidos, porém, também não é razoável desprezar asserções de especialistas que possuem um profundo e demonstrável conhecimento do assunto, a não ser que se possua um nível similar de entendimento ou acesso a uma forte base empírica para suas afirmações. Porém, é inteiramente possível que a opinião de uma pessoa ou instituição de autoridade esteja incorreta; dessa forma, a

autoridade que uma pessoa ou instituição possui não tem nenhum peso intrínseco sobre a validade ou não de suas afirmações.

Exemplo: sem conseguir defender seu posicionamento de que a evolução não é verdade, Roberto falou que ele sabe que os cientistas também questionam a evolução (e que eles provavelmente não são primatas).

7. A FALÁCIA DO BOM DE MIRA: escolher a dedo grupos de dados que cabem em um argumento ou encontrar um padrão que se encaixe em uma presunção. Essa falácia é ilustrada por uma metáfora de um atirador que, após disparar aleatoriamente em diferentes alvos, escolhe apenas os alvos em que acertou no centro como evidência de suas habilidades. Nesse caso, se o atirador tivesse usado todos os alvos como análise de sua perícia, teria se mostrado menos habilidoso. Além disso, padrões podem aparecer naturalmente por acaso, sem indicar, necessariamente, que existe uma relação entre dados.

Exemplo: os fabricantes do refrigerante “Doce Açucarado” liberam um estudo em que, dos cinco países onde o refrigerante é mais vendido, três estão entre os 10 países mais saudáveis do mundo, e, portanto, o refrigerante “Doce Açucarado” é saudável.

8. A FALÁCIA DO APELO À NATUREZA: argumentar que por uma coisa ser “natural”, ela é válida, justificada, inevitável, boa ou ideal. Muitas coisas “naturais” são também consideradas “boas” e isso pode enviesar nosso pensamento, mas a naturalidade em si não define se algo é bom ou ruim. Por exemplo, matar pode ser tido como natural, mas isso não significa que é bom ou justificado.

Exemplo: o farmacêutico chegou à cidade em seu carro oferecendo vários remédios naturais, como águas minerais especiais. Ele falou que era natural que as pessoas devessem ficar desconfiadas de remédios “artificiais”, como antibióticos.

Passado tempo suficiente para estudo do material, a professora indicou aos estudantes que, no início da aula, havia apresentado um argumento falacioso ao defender um ponto de vista sobre as categorias esportivas e pediu para que eles identificassem a falácia apresentada. Os estudantes engajaram em uma discussão coletiva auto mediada, identificando, por fim, a presença de uma falácia lógica do tipo bom de mira.

Posteriormente, a professora pediu para os estudantes elaborarem e registrarem, individualmente, seis argumentos falaciosos sobre a questão sociocientífica orientadora da sequência e amplamente discutida das aulas anteriores: “Atletas trans e intersexo devem competir em categorias esportivas femininas?”. Em seguida, os estudantes trocaram os seus registros e buscaram corresponder os argumentos construídos por seus colegas com os tipos de falácia estudados. Nesse momento, os estudantes puderam compartilhar sugestões e comentários sobre as construções argumentativas dos colegas e, em duplas, buscaram reescrever os argumentos inicial-

mente propostos de maneira não falaciosa. Exemplos de construções falaciosas e suas reescritas foram compartilhados coletivamente, com mediação da professora. Alguns dos argumentos falaciosos produzidos pelos estudantes estão apresentados abaixo:

- ♦ [ladeira escorregadia] Se permitirem que mulheres com alta testosterona joguem na categoria feminina, daqui a pouco homens vão poder participar nesta categoria também;
- ♦ [falsa causalidade] O número de medalhas do Brasil aumentou ao mesmo tempo que flexibilizaram a participação de atletas trans, logo o time brasileiro deve ter muitas atletas trans;
- ♦ [tudo ou nada] Atletas trans e intersexo têm uma força muito maior do que atletas cis, o que torna a competição completamente injusta. Ou proibimos a participação daquelas atletas nas competições, ou sempre teremos pódios apenas com mulheres trans e intersexo.

2ª Etapa

Debate no formato *fishbowl* e os caçadores de falácias

Na aula seguinte, a professora apresentou aos estudantes a estrutura de debate, que serviu como avaliação da sequência didática. Para este debate, os estudantes foram separados em 6 grupos e a cada um foi atribuído um caso a ser debatido: Tiffany Abreu, Caster Semenya, Lia Thomas, Margaret Wambui, Dutee Chand e Edinanci Silva (Anexo I). A delimitação de casos específicos permitiu que os estudantes mobilizassem a argumentação de maneira mais concreta, considerando as especificidades de cada atleta, em oposição a uma argumentação mais ampla.

Cada integrante do grupo teve um posicionamento sorteado, assim como uma missão secreta a ser cumprida ao longo do debate. Aos estudantes poderiam ser atribuídos posicionamentos favoráveis ou contrários à participação de atletas trans e intersexo no esporte, enquanto as missões secretas consistiam na inclusão de um único argumento falacioso de um determinado tipo, dentre os oito estudados, na argumentação. Todos os grupos possuíam estudantes com diferentes posicionamentos (favorável ou contrário) e com diferentes missões secretas e cada grupo ficou responsável por debater apenas um dos casos. O quadro abaixo ilustra a organização de um dos grupos.

| Grupo 1. Caso Tiffany Abreu | | |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| Estudante | Posicionamento (à participação de atletas trans e intersexo na categoria feminina) | Missão secreta (construir um argumento que contenha uma falácia do tipo) |
| Estudante 1 | Favorável | Apelo à natureza |
| Estudante 2 | Contrário | Apelo à popularidade |
| Estudante 3 | Favorável | Apelo à autoridade |
| Estudante 4 | Favorável | <i>Ad hominem</i> |
| Estudante 5 | Contrário | Ladeira escorregadia |
| Estudante 6 | Contrário | Bom de mira |

Com as informações sobre posicionamento, caso a ser debatido e missão secreta, os estudantes tiveram duas aulas de 60 minutos para elaborar uma base argumentativa consistente. Durante esse tempo, eles podiam dialogar livremente com todos os estudantes da turma, assim como tirar dúvidas com a professora.

Os debates foram organizados em 6 rodadas, distribuídas em 2 dias. Cada grupo teve 15 minutos para debater o caso atribuído. Nos dias de debate, a distribuição das carteiras na sala foi organizada de forma a ter um peque-

no círculo no centro, onde o grupo debatedor ficava, e um grande círculo em volta, onde o grupo de espectadores ficava. Todos os estudantes que não estavam no grupo debatedor, faziam parte do grupo de espectadores. No início de cada debate, o caso a ser discutido foi compartilhado com toda a turma, para que todos pudessem acompanhar a discussão com qualidade. Enquanto o grupo de debatedores era encarregado de conduzir a discussão, o grupo de espectadores deveria analisar atentamente os argumentos, buscando identificar o máximo possível das missões secretas de cada um dos membros do grupo

debatedor. Os estudantes não precisavam identificar as missões secretas do seu próprio grupo de debate, mas, quando identificadas, poderiam utilizá-las para as suas argumentações. Os estudantes foram avaliados tanto pela oralidade e qualidade argumentativa apresentadas no debate quanto pela identificação de falácias lógicas nos argumentos de seus colegas. Ao final de cada debate, os estudantes preencheram um formulário virtual com as falácias lógicas identificadas.

Resultados e avaliação da atividade

Durante os 6 debates conduzidos, todos os estudantes conseguiram cumprir as suas missões secretas, incluindo em suas argumentações uma única falácia lógica. Os espectadores identificaram, em média, 72% das falácias presentes nos debates que assistiram, indicando um bom olhar crítico sobre construções argumentativas falaciosas. Em 4 dos 6 grupos de debates, os estudantes debatedores identificaram construções falaciosas nas falas de seus colegas e contra-argumentaram apontando a fragilidade da lógica apresentada.

Nesta atividade, cada estudante possuía uma missão secreta a ser realizada durante o debate. Apesar de bem desenvolvida, essa proposta tornou a atividade bastante desafiadora. Para facilitar a aplicação da atividade, variações podem ser feitas, como reduzir o número de missões secretas, apresentando uma única missão por grupo, por exemplo.

Quando questionados sobre a dinâmica da atividade realizada, os estudantes reconheceram que a dinâmica de debate no formato *fishbowl* contribuiu para o desenvolvimento de suas habilidades argumentativas, ao possibilitar a observação de exemplos e modelos de construção argumentativa e oralidade, como exemplificado neste depoimento de uma estudante: "Eu acho que ajudou muito

observar os outros debates, pois as posturas e formas de argumentação [dos debatedores] variam muito, me ajudando na construção de argumentos futuros".

No que se refere à identificação de falácias lógicas em argumentos dos colegas, os estudantes avaliaram que, apesar de desafiadora, a atividade permitiu um olhar mais crítico para os argumentos apresentados em situações de debate, principalmente considerando que argumentos falaciosos são relativamente comuns em discussões. Uma segunda aluna sintetizou essas impressões em seu depoimento: "Acompanhar o debate dos colegas me ajudou a aprimorar a capacidade argumentativa, principalmente no aspecto de identificar argumentos que acabam não sendo tão bem construídos e, assim, podendo rebater aquele argumento com uma base científica ou podendo apontar a sua fragilidade".

As avaliações dos estudantes sobre a atividade reforçam que a construção de espaços em que os alunos possam se observar em uma discussão contribui para o desenvolvimento da habilidade argumentativa. O formato de debate *fishbowl* é interessante para isso, principalmente quando aliado a tarefas para o grupo de espectadores da atividade. Variações na dinâmica desse debate podem ser feitas dependendo do nível de familiaridade dos estudantes com a dinâmica e com os objetivos da atividade.

Para saber mais

BARROS, C. M. M. DE, & SILVA, M. B. e. (2023). Biológico e social andam juntos: como a genética pode nos ajudar a entender a complexidade da constituição de sexo/gênero. *Genética Na Escola*, 18(1), 7–14. <https://doi.org/10.55838/1980-3540.ge.2023.481>

Referências

CONRADO, D.M., NUNES-NETO, N. *Questões sociocientíficas: fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018. 570p. <https://doi.org/10.7476/9788523220174>.

Anexo I

Casos debatidos

Caso 1. Tiffany Abreu

Tiffany Abreu é uma jogadora de voleibol brasileira que atua como oposto e ponteira. Tiffany foi a primeira mulher transgênero a jogar na Superliga feminina. Tiffany cumpre as regulamentações do COI para competir em equipes femininas: ela possui reconhecimento civil no gênero feminino e apresenta níveis de testosterona abaixo de 10 nanomol por litro de sangue (seus exames costumam apontar 0,2 nanomol de testosterona por litro de sangue). Apesar de atender aos pré-requisitos, a participação da jogadora na Superliga dividiu opiniões, incluindo oposição do técnico Bernardinho e de algumas companheiras de time.

Caso 2. Caster Semenya

Caster Semenya é uma atleta meio-fundista sul-africana, campeã olímpica e mundial dos 800 metros. Caster possui hiperandrogenismo, condição caracterizada pela produção excessiva de andrógenos como testosterona. Em 2009, Caster baixou em 4 segundos o seu tempo da prova de 800 m e conquistou a medalha de ouro no Campeonato Mundial. Em meio às comemorações, acabou submetida a um teste de gênero iniciando uma guerra particular com a Associação das Federações Internacionais de Atletismo, que a impediu de correr por quase um ano. Em abril de 2018, a Associação das Federações Internacionais de Atletismo impôs uma regra que determinava que atletas com "diferenças de desenvolvimento sexual" deveriam reduzir a taxa de testosterona para participar de competições internacionais em provas de até 1.500 m, o que impediria que Caster participasse das competições.

Caso 3. Dutee Chand

Dutee Chand é uma atleta indiana que compete nas provas de 100 m e 200 m. Aos 18 anos, com o sucesso nas competições nacionais, Chand foi submetida a exames que ela acreditava serem *antidoping*, mas logo descobriu que suas amostras de sangue e urina seriam encaminhadas para análise cromossômica para "verificação de sexo". Chand também relata ter sido submetida a testes físicos. Tendo sido identificada a produção de testosterona acima da média, a atleta se recusou a passar por tratamentos médicos para redução dos seus níveis hormonais, argumentando que os regulamentos eram nitidamente discriminatórios. Chand recorreu ao Tribunal Arbitral do Esporte a fim de anular o regulamento da Associação das Federações Internacionais de Atletismo.

Caso 4. Margaret Wambui

Margaret Wambui é uma atleta queniana medalhista de bronze nos 800 m na Olimpíada do Rio, de 2016. Naturalmente, Wambui produz testosterona em níveis maiores do que a média das mulheres. Desde o decreto de 2018 da Associação das Federações Internacionais de Atletismo, que proíbe que mulheres com diferenças de desenvolvimento sexual participem de disputas femininas ao menos que reduzam artificialmente a quantidade de testosterona em seus corpos, Wambui não pode competir nas provas. Wambui foi a primeira atleta a expressar apoio à formação de uma terceira categoria no atletismo, voltada para pessoas com níveis altos de testosterona.

Caso 5. Lia Thomas

Lia Thomas é uma nadadora transgênero norte-americana que passou a ser alvo de intensos debates após vencer as 500 jardas no campeonato universitário da NCAA. A NCAA tem, há 10 anos, regras que permitem que mulheres compitam desde que passem por tratamento hormonal, regra semelhante à das Olimpíadas. Nenhuma mulher trans havia se destacado nas competições e quando Lia passou a competir no mesmo nível técnico de mulheres cis, seu direito de participar das provas começou a ser questionado.

Caso 6. Edinanci Silva

Edinanci Silva é uma judoca brasileira intersexo bicampeã pan-americana. Logo antes de competir nas Olimpíadas de Atlanta, a atleta foi submetida a exames que indicaram que ela possuía testículos internos que produziam testosterona, além de um útero atrofiado. Com apenas 19 anos a atleta precisou se submeter a uma cirurgia para retirada dos testículos e ovários, objetivando ser aprovada nos testes de feminilidade e poder competir nas Olimpíadas. Com a intervenção cirúrgica, Silva passou a cumprir os pré-requisitos para competir na categoria feminina, mas chegou à competição olímpica psicologicamente fragilizada.